

Mealibora

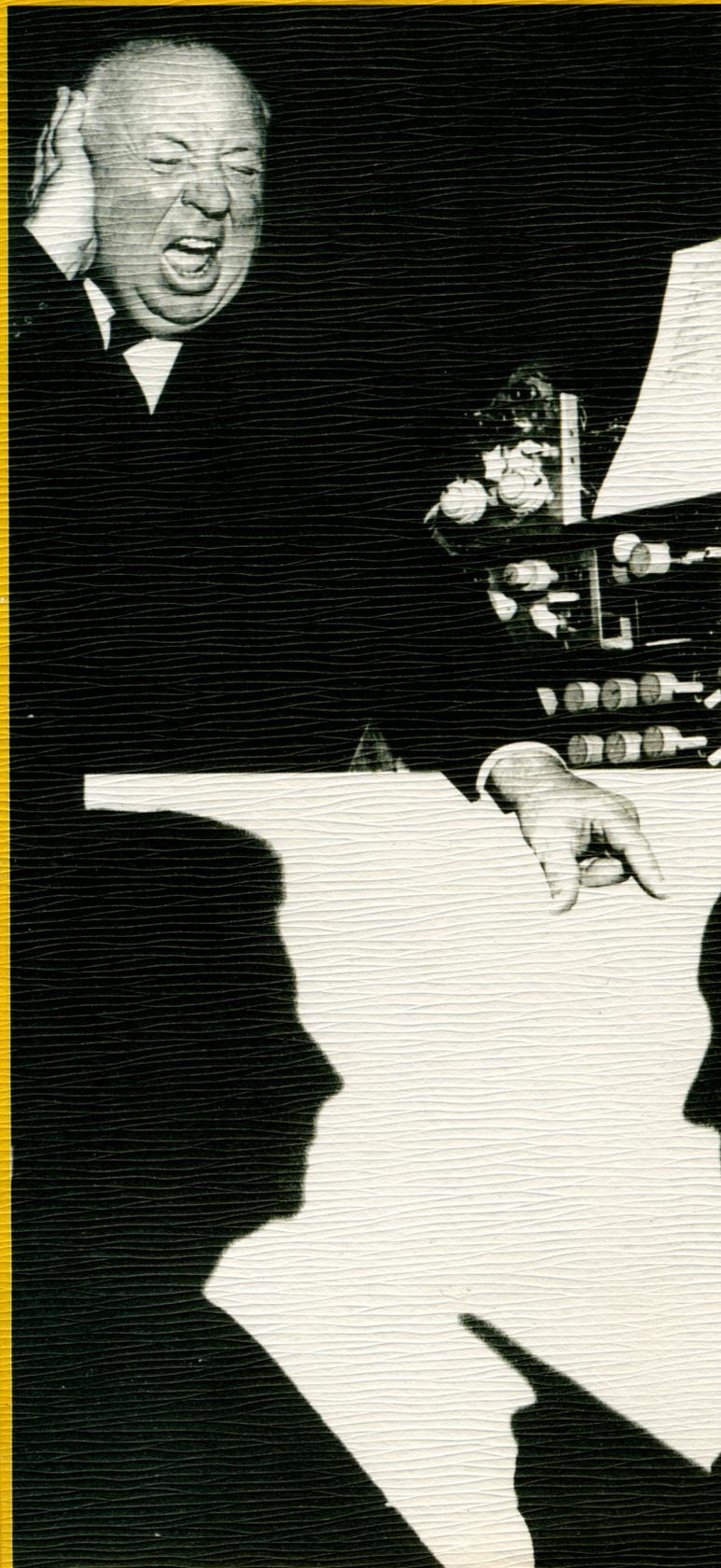
n.º 12

série 3

Semestral

Verão 2003

Revista de Cultura



INÉDITOS

Sophia de Mello Breyner Andresen,
Paula Alves, António Ramos Rosa,
Urbano Tavares Rodrigues, Eugénio Lisboa,
Isabel Pires de Carvalho, Teolinda Gersão,
Agnieszka Jastrzêbska, Jorge Listopad,
Teresa Rita Lopes, Fernando Venâncio,
José Viale Moutinho, Paulo Moreiras,
Rui Miguel Saramago, Adelaide Graça,
Ana Luisa Amaral, Ana Mafalda Leite,
Carlos Brito, Casimiro de Brito
e Myah Oularz, Inês Cavalcanti,
Manuel António Pina, Maria Andresen,
Vera Duarte, José-Augusto França,
Fernando Guimarães, Daniel Branco,
Onésimo Teotónio Almeida,
Henrique Garcia Pereira,
José Rodrigues Lima

2 Poemas

Manuel António Pina 77-78

Solidão

Maria Andresen 79-81

Habitante do Século Vinte e Um

Vera Duarte 82-85

Hitchcock há mais de cem anos

José-Augusto França 86-94

Poesia e Ser em Fernando Echevarria

Fernando Guimarães 95-96

Da impossibilidade do amor em Olhos Azuis Cabelo Preto

Daniel Branco 97-98

Dias de Melo: escrita em festa

Onésimo Teotónio Almeida 99-100

The Making of... Apologia do hipertexto na deriva do texto

Henrique Garcia Pereira 101-106

Asturianos em Viana

José Rodrigues Lima 107-113

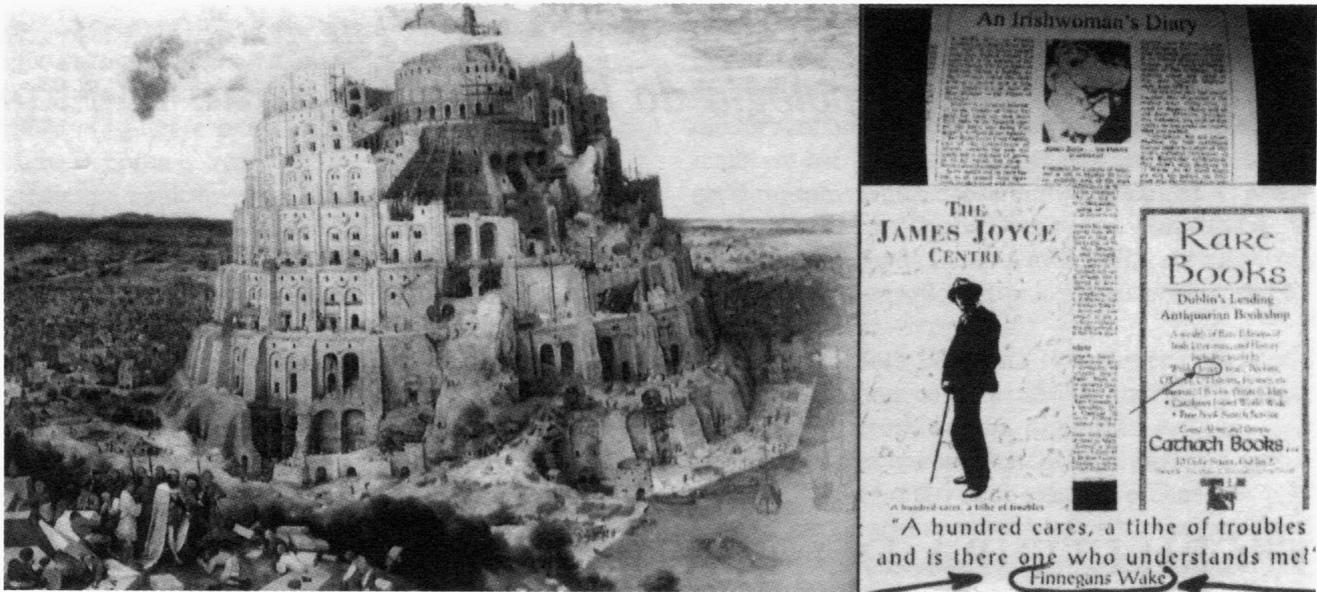


Fig. 2 – A Torre de Babel e Joyce

E, para mim, o penoso prazer da escrita compulsiva emerge de um longo processo interativo baseado em múltiplos componentes (e temperado por inúmeros ingredientes):

1. Cada livro que lia ou relia era sublinhado (Fig. 3a) nas passagens que se iam associando às questões “verdadeiramente importantes” para a minha vida (no sentido de Musil). E esses sublinhados sobrepunham-se a outros, de outras épocas, fazendo uma arqueologia das configurações do eu em diferentes circunstâncias, todas em pé de igualdade, e igualmente válidas;

2. Nos jornais e revistas (Fig. 3b), pesquisava febrilmente (ou surgiam ‘naturalmente’) os exemplos que ‘ilustravam’ e prolongavam os tópicos que queria tratar;

3. Nos ‘caderninhos’ antigos (Fig. 3c), relatando remotas derivas que se prolongam até ao presente, ia buscar blocos de texto que se ligavam àquilo que queria expressar;

4. Nas notas soltas e em papelinhos a esmo (Fig. 3d) encontrava as peças de um Lego que se encaixavam no fluir do pensamento;

5. Na NET procurava elementos que contribuíam para repensar o fio condutor da ideia, numa miscigenação desregulada de todos os mundos (Fig. 3e).

E as notas de rodapé que introduzi na minha «Apologia...» (Pereira, 2002) não fazem “desaparecer a magia do texto” (como teme João Bénard da Costa, em «O Independente» de 14.09.2001), mas abrem para um pensamento divergente, como o de Enrique Vila-Matas (que exprime o desejo de não escrever mais livros, mas só um “*cuaderno de notas a pie de pagina que comentarán un texto invisible*”, cf. Vila-Matas, 2000, p. 11).

Sentindo-me em boa companhia com Montaigne - que teria dito que nunca leu um autor para formar uma opinião, mas para encontrar no livro alheio a sua própria opinião, formada há muito -, ia tecendo no dia a dia o meu metatexto

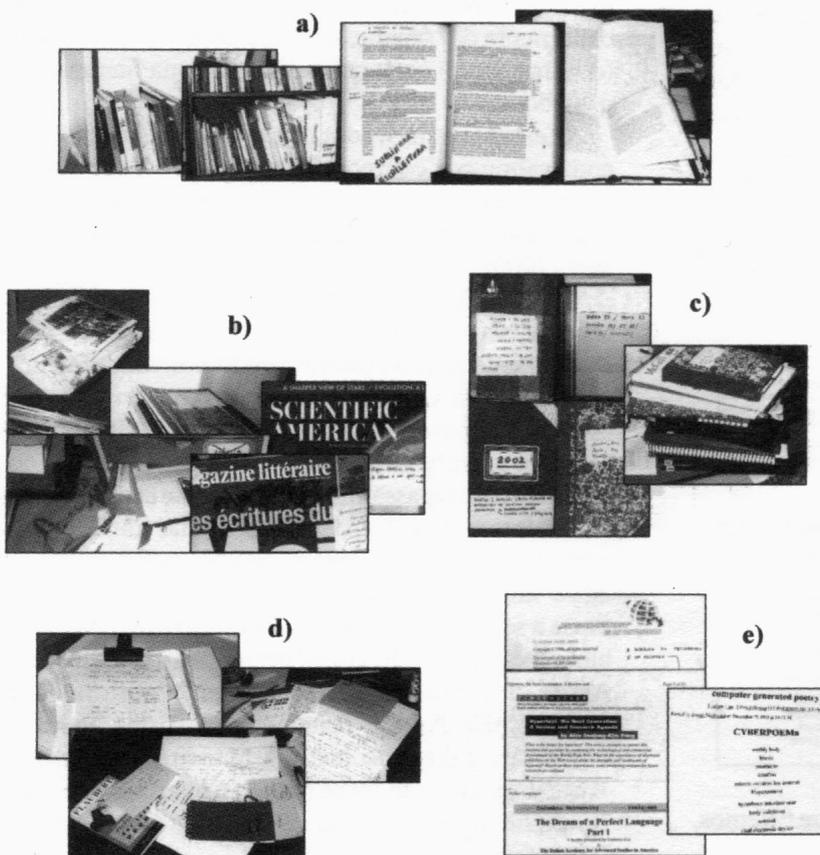


Fig. 3 – Interplay dos componentes/ingredientes forjadores da paisagem de onde emerge uma escrita compulsiva

game dos tempos que correm (Borges diz simplesmente, desmontando numa frase o antigo dualismo ‘ocidental’: “Quando gosto de uma coisa, não gosto dela por oposição a outra”).

E quem melhor do que o sub-comandante Marcos (Fig. 6), com as suas “guerras de papel e de Internet”- que não se substituem, antes se adicionam, à sua guerrilha política -, encarna (na simulação-dissimulação da máscara) a esquerda nova que se recusa a ‘amadurecer’ aos olhos do *establishment*? Afastando resolutamente qualquer gérmen de todas as burocracias instaladas que se baseiam na mentira nua e crua, alterna incessantemente a máscara de político com a de poeta, e o *pasamontañas* é a expressão da abertura a um mundo plural, onde as múltiplas personalidades se afirmam (no teatro grego, as *personae* permitiam ao actor destacar a sua voz dos demais – a palavra personalidade, de resto, vêm da máscara que o actor punha *per sonare*).

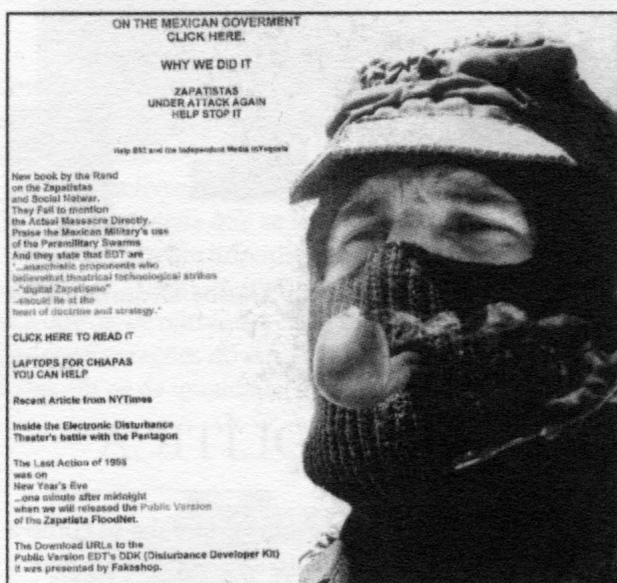


Fig. 6 – O sub-comandante Marcos e os *sites* de apoio aos Zapatistas

O porta-voz dos Zapatistas queixa-se dos livros ‘chatos’ que os esquerdistas europeus lhe deixavam (obras de Marx, Lenine, Mao, em vez de poesia, novela, literatura), e pulveriza a homogeneidade das antigas seitas de ‘revolucionários’ profissionais através do seu originalíssimo sincretismo poético-político, esse sim verdadeiramente revolucionário, integrando os contos e as fábulas índias numa escrita intelectual e urbana que não respeita escolas, aberta que está a todas as referências, numa *collage* de ‘alta’ e ‘baixa’ cultura. E, ao mesmo tempo que tem o seu relógio de areia acertado para o tempo longo dos Maias, o sub-comandante - que é *Net-addicted* - escreve a sua luta num HIPERTEXTO de desmesurada extensão, cheio de pastiches, refigurações e saltos, que retoma Allen Ginsberg na terceira pessoa: “Marcos é *gay* em San Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, hispânico em San Isidro, anarquista em Espanha,

palestiniano em Israel, indígena nas ruas de San Cristobal, *rocker* na Cidade Universitária, judeu na Alemanha, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, guerrilheiro mexicano no fim do século XX, escritor sem livro e sem leitores...”

O HIPERTEXTO COMO DEAMBULAÇÃO DESREGULADA NOS OFÍCIOS DO TEXTO

Ao chegar ao hipertexto - depois de um longo percurso no qual sempre considerei o *software* como um produto semiótico dinâmico -, encontrei potencialidades novas de hibridização textual nas piruetas que resultavam da livre associação de todos os elementos díspares do texto. Estas eram agora traduzíveis numa estrutura flexível que se adaptava bem ao meu modo desregulado de ser (e de escrever).

E porque me sinto obviamente bem na tribo dos ‘homens do livro’, este ensaio é também uma tomada de posição em favor do hipertexto, como possibilidade de uma nova articulação (provisória) das deambulações à volta do texto.

Na nova cultura emergente, que é global, intangível e fulgurantemente interactiva, o resultado da ‘simples’ combinação de zeros e uns (Fig. 7) feita pelo homem com base em alguns *chips* de silício é, aparentemente *a contrario*, uma obra onde o rizoma impera, onde qualquer linha se perde no emaranhado infinito de texturas recorrentes.

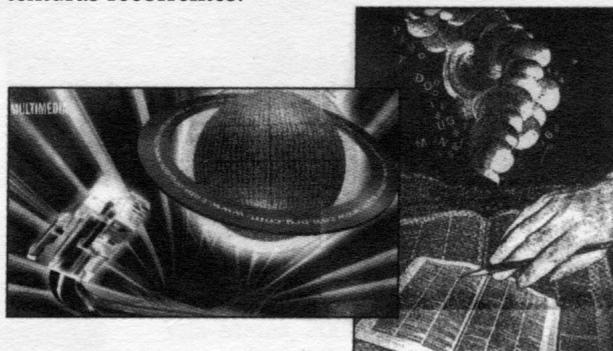


Fig. 7 - A letra digital

E o hipertexto é o exemplo mais espantoso e menos acabado dos reflexos, nos ofícios da escrita, das novas tecnologias do imaterial.

No hipertexto, blocos de texto escrito (os *lexia* de Barthes) são combinados com outros elementos que se encontram também sob a forma digital (imagem, som, vídeo, ...) segundo ligações virtuais designadas por *links* que o leitor pode estabelecer e modificar de um modo interactivo e imediato (Fig. 8).

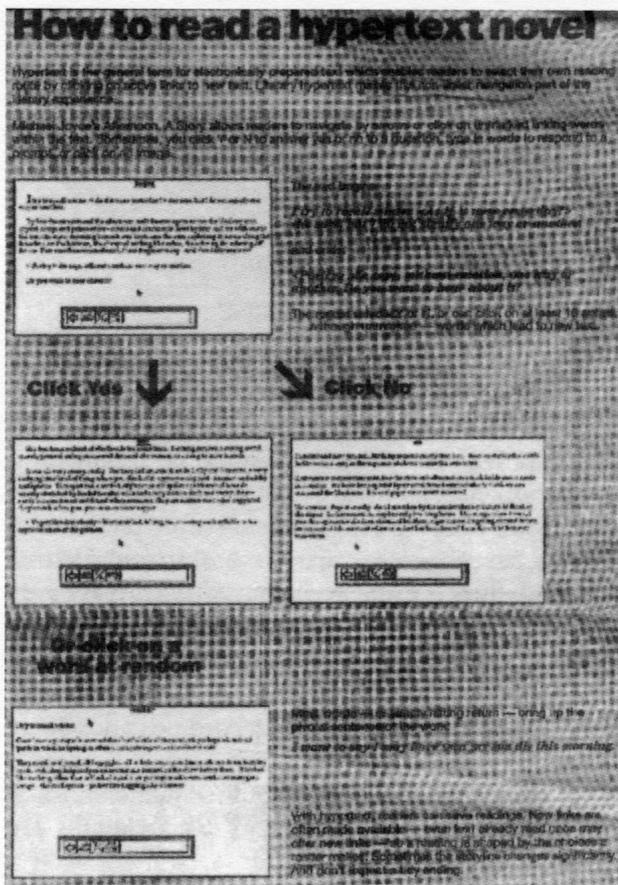


Fig. 8 – A leitura do hipertexto

O *click* que desencadeia um *link* e faz surgir um novo bloco de texto sugere a ideia de “salto”, que é crucial no hipertexto, porque potencializa, não só a capacidade de ‘montagem cinematográfica’ dos criadores, mas também a dos receptores (que podem ter agora um papel activo no hipertexto, contrariamente ao que acontecia no cinema do século XX).

Quando o hipertexto circula no ciberespaço cria-se uma extensão infinita na Net, essa espantosa invenção do homem que se desenvolve sem obedecer a nenhum ‘princípio geral’ ou definição intensiva, e que se deixa facilmente aproximar por uma acumulação de uma série ilimitada de dimensões justapostas (os computadores não percebem o intensivo, mas são capazes de tratar intensivamente a extensão).

Dá-se assim uma significativa convergência entre as tecnologias da informação/ comunicação/ conhecimento e a concepção contemporânea de inter-textualidade, a qual sublinha a ‘instabilidade’ semântica e estrutural do texto, pelo apelo a uma dinâmica de ligação a outros ‘mundos’(Fig.9).

As aspirações de criadores como Wittgenstein, Barthes e Derrida, que se debateram com as estruturas convencionais do texto linear, podem agora ser realizadas de um modo flexível na estrutura rizomática do hipertexto.

Quem teve de enfrentar, de uma maneira ou de outra, o problema de transmitir ‘por escrito’ a complexidade



Fig.9 – Do computador para todos os mundos

do pensamento não pode deixar de sentir o eco das preocupações de Wittgenstein, expressas de um modo tão transparente no prefácio das suas “Investigações Filosóficas” : “*I sometimes make a sudden change, jumping from one topic to another. It was my intention at first to bring all this together in a book whose form I pictured differently at different times. After several attempts to weld my results together into such a whole, I realized that I should never succeed*”.

Não será o hipertexto uma forma de resposta à ‘incapacidade’ de Wittgenstein em articular os seus *insights* num texto linear? ou à descentração e multivocalidade que Derrida vê nos textos? ou, será, mais ambiciosamente, à maneira de Barthes, a forma que pode tomar agora o “texto ideal, a galáxia de significantes”?

Com o hipertexto, é finalmente possível subverter a sequência espacial do livro (Fig. 10) , como há muito os grandes escritores pretendiam, depois de se terem libertado da ordem cronológica dos acontecimentos e da presença de um único narrador onisciente.

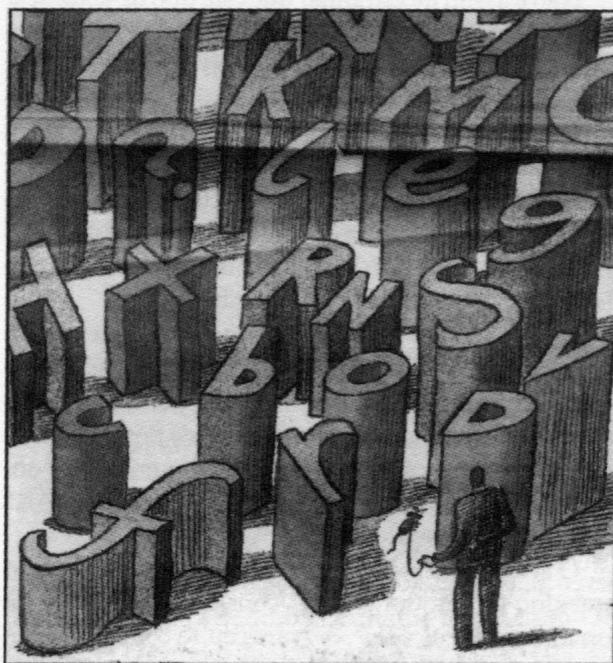


Fig. 10 – O hipertexto como labirinto

A linguagem verbal, que está bem ‘preparada’ para o estabelecimento de diferenças e para a formulação de relações, ‘não pode funcionar’ por si só para certos textos, que são à partida ‘híbridos semióticos’.

Um exemplo claro deste tipo de textos é o ‘artigo científico’, que inclui vários significantes cruzados para exprimir conceitos abstractos.

No *paper* ‘misturam-se’ elementos verbais, matemáticos, visuais-gráficos e operacionais. E a topologia onde estes diferentes elementos estão situados é determinante: num dado ponto do texto ‘chama-se’ uma figura - cuja legenda adiciona significado -, faz-se entrar uma equação - que sintetiza uma série de relações entre as variáveis descritas no ‘corpo’ do *paper* -, abre-se para outros textos pelas referências - que fundamentam aquilo que ‘não cabe’ no *paper* -, precisam-se lateralmente as ideias - através de notas de rodapé que chamam a atenção para diferentes *approaches* ao problema (Fig. 11).

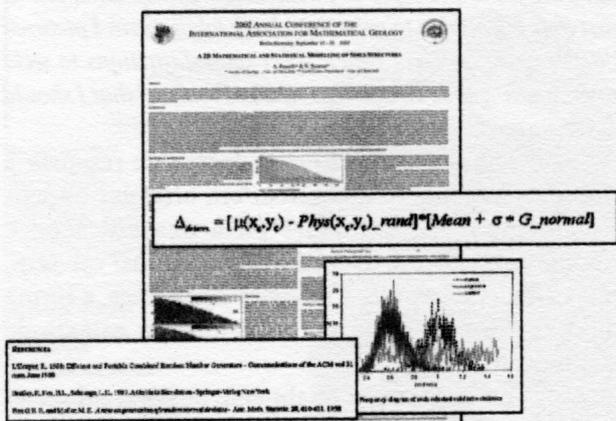


Fig. 11 – O artigo científico como proto-hipertexto

Não é assim de estranhar que este tipo de texto seja considerado uma forma ‘primitiva’ de hipertexto. Também do lado de quem lê o artigo científico, é habitual ‘saltar’ de elemento para elemento, olhar só para as equações, atentar nos gráficos e deixar as palavras para depois, numa navegação que faz irresistivelmente lembrar o modo como se ‘surfa’ na Net. Como propriedade constitutiva do hipertexto, os papéis do escritor e do leitor são hoje, como sempre se desejou, completamente intercambiáveis.

O escritor deixou de estar só, em face da página branca - tem ao seu dispor uma panóplia complexa de aparelhos electrónicos (Fig.12), que permitem gerar frases, imagens e sons, numa miríade de possibilidades vertiginosas. O ecrã de um computador em rede é um palimpsesto onde ‘já lá está tudo’, à espera da «Arte Recombinatória» do autor (Pereira, 2000).

O anátema que ensombra, nas antigas escritas, o ‘trabalho de tesoura e cola’, considerado ‘muleta de jornalistas preguiçosos’, desvaneceu-se com a elegante actividade de ‘cut and paste’: o computador possibilita uma transmutação criadora de símbolos que permite

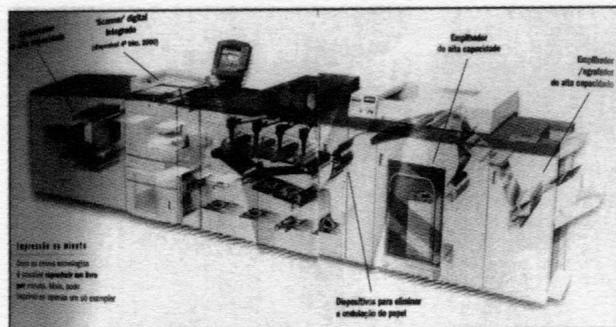


Fig. 12 – A tecnologia ao serviço do escritor

todas as associações, alterações e deslocações, em vez da limitativa ‘composição manual’ de fragmentos, dolorosamente extraídos de outros textos.

É assim possível, com um *scanner* e um processador de texto, dar corpo (sem sujar as mãos) ao sonho letrista de estabelecer uma nova narrativa através da combinação de ‘recortes’ de um jornal diário ou parodiar o ‘nouveau roman’ a partir dos próprios textos (sem ser preciso copiá-los frase a frase, como fez Michèle Bernstein, a companheira de Debord nos anos 50 do século XX).

O *détournement* dos situacionistas democratiza-se claramente pela facilidade com que os textos são alterados em suporte digital.

Dado que o hipertexto é incomparavelmente mais volátil e *open-ended* do que o livro, o *work-in-progress* torna-se um processo consensualmente reconhecido de escrever (e de ler), e o conhecimento exprime-se sob formas que estão mais próximas do seu carácter dinâmico e inacabado.

A partir do hipertexto, o leitor participa na redacção do texto que lê, ao escolher um certo percurso e ‘fixar’ uma certa combinatoria de vértices. Nesta participação activa na reescrita do texto, o leitor, ‘simulando’ o trabalho feito anteriormente pelo escritor, transmuda-se, ele mesmo, em oficiante da escrita.

E com a Net, que engendra literatura (em vez de a suprimir), a ‘escrita em voz alta’ (que qualquer autor sempre desejou) está agora ao alcance imediato de todos.

REFERÊNCIAS

- Bonnefoy, Y., 2001 – L'improbable et autres essais, Folio
 Chamoiseau, P., 1997 – Écrire en pays dominé, Gallimard
 Debord, G., 1993 – Panegyrique, Gallimard
 Le Bris, M., 2000 – Pour saluer Stevenson, Flammarion
 Pereira, H.G., 2000 – Arte Recombinatória, Teorema
 Pereira, H.G., 2002 – Apologia do hipertexto na deriva do texto, Difel
 Piglia, R., 2000 – Entrevista à «Quimera», n° 198
 Rolin, O., 2000 – La Langue, Verdier
 Vila-Matas, E., 2000 – Bartleby y compañía, Anagrama



APOIOS

